

FONSECA, CHAGAS OU RIBEIRO DA COSTA?

Carlos Eduardo Mendes de Moraes (UNESP/FCLA)

RESUMO

Os 108 romances e alguns sonetos (manuscrito 392) do Padre Antônio da Fonseca e o documento de acusação ao Padre (manuscrito 1486) encontram-se arquivados entre os reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e tornaram-se objeto de estudo pelas características *suis generis* que apresentam: o primeiro documento constitui-se de composições poéticas que mostram um perfil de um eu lírico atormentado pela vida monástica e pelos ardores amorosos; o segundo trata de uma surpreendente acusação feita a um homônimo: abuso de suas confessadas. Comentarei, nesta comunicação, alguns problemas que giram em torno do estabelecimento de uma única identidade para este autor Padre Antônio da Fonseca.

PALAVRAS-CHAVE:

Língua Portuguesa; Manuscritos; Padre Antônio da Fonseca.

Ao estudar-se o conjunto dos escritos do Padre Antônio da Fonseca Soares (também conhecido como Frei Antônio das Chagas) a partir de uma perspectiva editorial torna-se essencial revisitar a história dos documentos a seu respeito. A “personagem” principal, Frei Antônio das Chagas, é protagonista de uma vida religiosa importante nos registros da história portuguesa, segundo diversas fontes.

Chagas, frei Antônio das (Antônio da Fonseca Soares)(1631 - 1682) Poeta português, natural da Vidigueira, filho de pai português e mãe irlandesa. (...) combateu nas guerras da Restauração, antes de ingressar na Ordem de S. Francisco. Durante essa fase da sua vida envolveu-se nas mais diversas aventuras, cometendo todo o tipo de excessos, fruto do seu temperamento impetuoso. Um desses episódios obrigou-o a fugir para o Brasil, perseguido pela justiça por ter causado a morte de um rival, num duelo. Os poemas de frei Antônio das Chagas encontram-se inseridos numa linha gongórica, estando incluídos em quase todos os cancionários manuscritos barrocos, nomeadamente nos dois mais importantes, a Fênix Renascida e o Postilhão de Apolo. Escreveu nos mais diversos gêneros poéticos: sonetos, madrigais, romances, décimas, glosas e dois poemas heróicos — «Mourão Restaurado» e «Canto Panegírico à Vitória de Elvas». A temática dos seus poemas centrava-se sobretudo na efemeri-

dade da vida, nos desenganos a que estamos sujeitos, mas também em assuntos de circunstância. Bastante apreciado como poeta, atingiu também grande fama como pregador, devido ao modo pouco convencional de pregar. Teatral e irreverente até no púlpito, chegava mesmo a mostrar caveiras ao público ou a dar bofetadas em si próprio, desde que isso fizesse passar a sua mensagem de uma forma mais clara. Os seus sermões, sem as agudezas do cultismo e conceptismo, estão reunidos nos Sermões Genuínos (1690), embora as Cartas Espirituais (1ª parte, 1684; 2ª parte, 1687), sejam consideradas a sua obra-prima. Composta por 268 cartas escritas num estilo pitoresco, a obra dá a conhecer melhor o homem que em Lisboa era tratado pelo singelo nome de «o fradinho», e coloca-o entre os grandes cultores da prosa barroca. Disponível em:

http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_154

www.socios.cardiol.br/visualizar.asp?pasta=acchagas

www.alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/fchagas.htm

<http://www.olhares.com/a6205>

www.olhares.com/usuarios/detalhes.php?id=14653

www.revista.agulha.nom.br/fanton00.html

www.revista.agulha.nom.br/fanton01.html

www.ruialme.blogspot.com/search/label/Fr.%20Ant%C3%B3nio%20das%20Chagas

www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=2_154

www.infonet.com.br/vivace/arranjos.htm

Já o poeta, Padre Antônio da Fonseca (objeto de nossas investigações), possui bibliografia extensa e contraditória, sobre a qual trataremos alguns aspectos neste trabalho.

Para a leitura dos seus poemas, torna-se necessário trilhar um processo de decifração do manuscrito e mergulhar em discussões relativas à autoria. Os referenciais teóricos de produção de Fonseca não são distintos de outros documentos, estudados e glosados no tempo de composição da obra, no caso, a língua portuguesa nos séculos XVII e XVIII, como tantos outros autores seus contemporâneos, que recorriam aos modelos das poéticas da Antiguidade Clássi-

ca, que se fizeram guia na indicação dos referenciais de composição, interpretados a partir de um ponto de vista religioso e culto.

Do outro lado da questão coloca-se o problema do enfrentamento do documento. A pesquisa em questão se relaciona ao levantamento, transcrição, apresentação e discussão dos poemas manuscritos de Fonseca, aos quais se aplicou um enfoque filológico. A metodologia empregada teve por base os fundamentos dos estudos sobre edições, aplicados a cada um dos três manuscritos apresentados para transcrição e discussão neste trabalho, respeitando-se, entretanto, suas especificidades. Podemos chamar especificidade, por exemplo, o fato de termos selecionado, para estudo, três documentos possivelmente apógrafos, aos quais podemos atribuir o *status* de *codex unicus*. Do primeiro, constam 108 romances, do segundo aproximadamente 30 sonetos, além de dois fragmentos de documentos sobre a Inquisição, o primeiro intitulado “Para qualificar” e outro sem título.

Encontramos, na obra de Fonseca, romances de teor satírico, outros de aguda sensualidade e forte conflito entre a vida monástica e a vida amorosa, caracterizando o eu lírico como foco de uma mente dividida entre a religião, as belezas da vida e os prazeres da carne.

Para situar o leitor, Fonseca recorre a um artifício comum nos seus poemas: na quadra (ou no quarteto) final, constitui-se estrutura recorrente dos seus romances cada estrofe ser mote para a seguinte, ao final das(dos) quais o autor lança mão de um “freio”, como lugar comum para encerramento da composição, à moda dos repentistas/improvisadores, em seus desafios.

Em termos de características, percebe-se a facilidade de verificação e uma linguagem simples, adequada à composição de poemas deste gênero, fazendo figurar entre suas inspiradoras Fílis, Mariazinha, Antoninha, Tisbe, Anna, etc., meninas e senhoras de vida humilde, retratadas em romances cuja variação é grande, oscilando a quantidade de quadras, a tratar de temas como o sofrimento amoroso, o conflito entre a vida mundana e a vida amorosa, a tortura pela abstinência da vida religiosa, a homenagem aos tipos físicos das mulheres etc.

Cabe também marcar neste modelo amplo que caracteriza em linhas gerais a obra de António da Fonseca Soares a facilidade com que saem seus versos da pena, recriando, às vezes, para um mesmo

mote, várias composições de média e longa extensão, como é o caso dos romances.

Para ilustração, selecionamos o romance 11, o qual demonstra a forma satírica de composição, suscitando o universo da relação entre a retórica prescritiva e a retórica religiosa. Neste romance, a estrutura exortativa remete a um embate do eu lírico em relação à atitude de um interlocutor “Rey”, “Rapas”, “Monarca”, “Vilão”, etc. Há certa sugestão de uma “oferta de relação homossexual, que habita a composição manifestando um caráter de indignação. Recorre à retórica antiga, no caso a menção à estirpe (estrofes IX e X) o seu objeto de vitupério, de forma a cumprir, formalmente, o programa de fazer menção à origem do “homengeado”. A origem (divina para a erudição de um letrado) logo cai em desgraça, pelo viés cristão, responsável pelo vitupério. No mesmo tom, reprocha a atitude nada real, dirigindo-se com indignação ao seu interlocutor.

Presente com toda a força prescritiva, a retórica oferece, como subsídio da composição, o processo argumentativo, construído pela exortação, que leva a confrontar bom e mau exemplo, desvelando, pela admoestação, o comportamento ideal de um monarca, aos olhos do eu lírico. As divindades, outro recurso de ornato das poéticas antigas para os poemas do XVII, figuram igualmente com o viés negativo, segundo o qual nem mesmo servem para alegoria: “Filho de Marte e de Venus/ Vossa prozapia aplaudis,/ Muy prezadinho de ter/ Pay guerreiro may gentil/ Vede quem Venus foi,/ E quem foi Marte, adverti/ Ella huma puta safada/ Elle hum pobre espadachim” (Romance 11) em que a Vênus “amante” destoa dos atributos divinos a ela cabíveis na mitologia, enquanto Marte, deus da guerra, é rebaixado à condição inferior à do guerreiro, um mero espadachim.

Com esses recursos, cumpre à risca o projeto modelar prescrito pela poética vigente, segundo o qual louvor e vitupério são igualmente praticados segundo as mesmas possibilidades de exaltação da origem ou da estirpe do personagem. Hansen (1989: 291-294) refere-se a esta prática como ação comum e permitida no século XVII, particularmente com Gregório de Matos, provocando, por um lado, a agressividade a partir dos gêneros mistos e, por outro lado, o riso, pela ridicularização dos vícios:

[A sátira] é por isso, constituída de duas vozes básicas: uma, alta e grave, icástica; a outra, baixa, mista, fantástica. Basicamente inclusiva –

“dependente” ou “polifônica” (...) a sátira mistura tópicos variadas de invenção retórico-poética, amplificando e deformando procedimento procedimentos e estilos da elocução. (...) O riso, por exemplo, é incidental na sátira, uma vez que a ridicularização de vícios é antes uma convenção para várias tópicos graves e vários tipos de viciosos que uma correspondência verista e imediata do discurso com a poesia empírica ou a situação referidas nele (...). Lembrem-se, por exemplo, as tópicos do ridículo judaizante que constituem personagens que são aplicadas para figurar ou referir pessoas simultaneamente efetuadas como não-judeus; ou as tópicos da “puta” e do “corno”, também aplicadas a mulheres e homens de várias honestidades e honras...

Este recurso perdura por todo o poema, tendo seu ponto alto nas estrofes acima mencionadas e no desfecho, no qual reafirma a sua impressão a respeito do interlocutor:

Pois uos conheço **embusteiro**/ Bem uos podeis despedir./ Q’ possão uossos afagos./ Mais que os golpes q’ sinto/ Não quero nada comvosco/ Que como **vilão Ruim**/ Vosso interesse buscais/ E em o acalçando fugis./ Andaj menino Nestor./ Andaj eterno mal cim./ Que nas partes que ostentais/ Bem mostrais a q^m sahir;/ Buscay por la quem creja/ **Q’ hum filho da puta vil/ Não pode ter boas manhas/ Nem quem o segue bom fim.** (Romance 11)

Alfena (2005) coloca em discussão o conflito entre o espírito e a carne do poeta, selecionando alguns romances nos quais o tema figura com maior intensidade. Este rastreamento do estilo do autor, cuja identidade é, por si, antitética, resulta de ser Fonseca um homem em consonância com pensamentos e atitudes barrocos, assim como pela marca biográfica presente na sua produção de forma nada discreta: o homem afeito à vida sensual que se entrega (sem total convicção) à vida monástica. Não são poucos os poemas que marcam esta condição. Destacamos, aqui, o Romance 54 (cf. anexo), para ilustração:

1. Minha santinha este instante/ Me chegaram **novas vossas/ Sem ser isso dita minha/ Me pareceu coisa nova/ (...)** 3. Sabe o Céu com quantas ânsias/ **Nos ermos da minha alcoba/ De não guardar essas regras/ Fez penitência a memória/ (...)** 8. Quereis por matar-me ingrata/ **Ser-me cristã quando fora/ Melhor dar-me a vida amante/ Que matar-me rigorosa/ (...)** 10. **Para que sois malfazeja/ Se Deus manda que as pessoas/ Façam bem o que Deus manda/ E se amem como a si próprias.**

As “novas”, para o eu lírico, que já não são tão novas para os demais, efetivam um jogo entre o comportamento monástico e o desejo, que vai se acentuando ao longo dos insistentes pedidos dirigi-

dos à musa: na estrofe 3, em que afirma fazer penitências pela memória, sugerindo, com esta construção, a não penitência do gesto, ao “nos ermos da [sua] alcoba / (...) não guardar essas regras. Da mesma forma, a dúvida entre as duas vidas está presente no pedido quase veemente de que Santinha seja cristã e “dê” para ele (uma vida amante), e que as pessoas “Façam bem o que Deus manda / E se amem como a si próprias”, em que “amem” remete a “fazer sexo”, como, sugere, faz com as demais pessoas, para as quais as novas, sabidas pelo eu lírico não constituem mais novidades.

Há que se considerar a visão panorâmica da obra atribuída ao nome Antônio da Fonseca o predomínio da forma poemática do romance, segundo o qual os amores, os encontros (frustrados ou esperados) mesclam a sensualidade, posta de forma explícita em algumas composições, com uma postura monástica, de um eu poético religioso, para o qual o celibato não é questão de honra, mas objeto de tortura.

O terceiro romance da comparação foge, aparentemente, à regra. Trata-se do romance composto por Antônio da Fonseca Soares, que tem por pseudônimo na Academia Brasílica dos Esquecidos Antônio Ribeiro da Costa, o qual escreve para o tema “quem amou mais? Clície ao Sol ou Endimião à Lua?” Figuram neste romance, elementos de certa forma estranhos à manifestação individual, mas absolutamente necessários para a prática da poesia circunstancial: as oito primeiras estrofes tratam da questão da forma.

Não é gratuita esta alusão entre os acadêmicos, em diversas orações, dissertações e poemas a delimitação das regras é usual. Pode-se pensar na denominação das partes de um discurso, na autorização do acadêmico para que o secretário (e censor formal) emende a composição, assim como utilizar-se da metalinguagem – como é o caso deste romance – para justificar a melhor forma para glosar o tema, preterindo alguns gêneros por mais sisudos ou por inadequados para a circunstância, em favor de outros que melhor se adaptam, segundo uma poética e um decoro previamente estabelecidos: *O Romance pois, Senhoras,/ são as armas com que fico/ que de todas para o assunto/ são as de maior capricho.* (Castello, 1969-1971, V. 1, t. 1).

A seqüência do poema preserva a estrutura de diálogo com os membros da academia, promovendo a entrada no assunto propriamente dito, nas estrofes 9 – 13 e depois a defesa de ambas as partes, cabendo primeiramente a de Clície e depois de Endimião, para concluir (em aberto, com um jogo que envolve a idéia de que, concluído o assunto, marca-se pela sua chancela, em clara alusão à função do presidente da conferência que escolheu o assunto, o Chanceler Brito:

Que na escolha / de dois males/ parece mais admissivo,/ a perda das esperanças,/ que a falta de todo o siso./ Ao Passado Presidente/ concluso vai este escrito,/ com a justiça que costuma/ julgará deste litígio;/ Se do selo carecer/ dois estão neste partido,/ valha sem selo **ex / causa** na chancelaria, Brito.

A presença de seres mitológicos, exigida pela própria glosa, é a segunda maneira de diferenciar a composição do indivíduo da composição circunstancial, de tema coletivo. Não consta que os poemas da “medida velha” recorressem a este artifício, que cabia melhor às composições mais formais, elaboradas segundo a “medida nova” da poesia lusitana. Enfim, a linguagem escolhida pelo autor, embora preservem-se características da simplicidade, próprias de um romance de expressão vulgar, não deixa de contrastar com os adereços formais dos sonetos e composições latinas que, vindo bem a calhar, também recebem assinatura de Antônio da Fonseca Soares na academia.

Quanto ao estilo do autor, importa demonstrar que a comparação entre os três romances até então apresentados evidencia duas diferenças marcantes, embora justificáveis. A primeira está na escolha do tema: o romance 11, que trata da sátira, é independente; coincidem os romances 54 e 100, do mesmo manuscrito, por tratarem de tema lírico, por meio dos quais se expressa a liberdade de composição do autor, o que não acontece quando os comparamos ao romance “Quem amou mais? Clície ao Sol ou Endimião à Lua?”

Embora as quatro composições tratem dos ditos temas líricos, a última está vinculada à sessão de recitação praticada em uma academia. Isso significa dizer que não podemos tomar como parâmetro esta diferença, uma vez que o exercício da poesia lírica, particularmente na Academia dos Esquecidos, possui dois limitadores da criação, que são a indicação do tema proposto, que deve ser glosado segundo normas da agremiação (e aqui vemos elementos necessários à

“exibição” do acadêmico) e o conhecimento/recurso da mitologia, a escolha de um partido para a resolução do problema, limitação na sensualidade da linguagem.

Frei António das Chagas; António da Fonseca; António da Fonseca Soares; António Ribeiro da Costa. Todos estes nomes referem-se ao mesmo nome. Consta do manuscrito 392 BGUC que o mais conhecido de todos seja o Frei António das Chagas, cujos poemas de sua fase inicial encontram-se compilados, em documento possivelmente apógrafo, intitulado *Romances protugueses de Antonio d’Affonseca, q depois de chamou Fr. Antonio das Chagas*¹. Apresenta-se em forma de uma brochura, com *Index*, indicando a existência de 108 romances numerados sequencialmente e apresentados pelo primeiro verso.

Todos os documentos tratam da trajetória de António da Fonseca, criando em torno do nome a polêmica da autoria. O que há de polêmico na questão é o fato de existirem diversas direções que apontam para um mesmo nome: um António da Fonseca Soares militar, autor de romances líricos; um António da Fonseca Soares eclesiástico, também poeta, conhecido como Frei António das Chagas, o qual, afirma-se, oscilava entre a vida religiosa e uma vida anterior bastante desregrada, documentada pelos poemas de louvor, de amor, de sensualidade e até eróticos, que por vezes contrastam com composições dúbias, dedicadas, entre outras, às lavadeiras, às vendedoras e a outras figuras femininas de origem popular.

Maria de Lourdes Belchior (1971) trata desta oposição de caracteres conciliando-os e defendendo a dúbia existência:

Do Fonseca pouco nos dizem os biógrafos, os cronistas, interessados naturalmente em exaltar o Venerável, e justificadamente interessados também portanto em esquecer o que no mundo fora António da Fonseca Soares. E quando se lhe referem é para do confronto Fonseca-Chagas, pelo contraste, se agigantar o perfil penitente do último. Duas personalidades distintas num só homem: a do Fonseca, poeta estróina, soldado e D. Juan, namorador de primas e não primas, desflorados da honra alheia, autor de centenas de romances, de sonetos e glosas, de madrigais e décimas, e a do Chagas, penitente, director de almas, pregador apostólico, varatojano austero, conhecido autor das Cartas Espirituais, e ainda de e-

¹ Importante observar este “recorte”, pois a mudança de Fonseca para Chagas marca, de fato, uma nova atitude, segundo Belchior (cf. nota 3).

legias impregnadas de uma dolorida religiosidade, de cânticos espirituais, de sermões e de outras obras, algumas miúdas, prenhes de um desencantado amargor, fruto provavelmente da sua experiência mundanal. Estas duas vidas, a primeira frívola e desregrada, a segunda asceticamente penitente e reparadora das faltas cometidas, ajustam-se perfeitamente ao ritmo vital do seu tempo. Poderíamos, integrando a vida e a obra totais do Fonseca-Chagas no século XVII, considerá-la como representativa da sua época, e não seria injustificado um estudo que se intitulasse «Frei António das Chagas – um homem e um estilo do século XVII». O poeta António da Fonseca Soares, o Fonseca, teve grande voga no seu tempo, prolongou-se a fama e chegou até Verney, motivo por que o escolhe para bode expiatório da sua impiedosa crítica: «Ouvi gabar muito um soneto do Chagas» (...) e sem sair do Chagas que parece a muitos que é bom poeta «escolhi este autor, porque é mui conhecido e louvado e procurado de muitos» (...). Ora as obras do Fonseca ficaram inéditas. Digo Fonseca, por querer dar o seu a seu dono. Do Fonseca são os romances, os sonetos, etc., que o Chagas tanto desejava destruir, prometendo rezar e disciplinar-se por quem lhe remetesse qualquer cópia dos seus versos de juventude.

Entretanto, há, além do Fonseca pouco mencionado pelos estudiosos, um Antônio da Fonseca Soares acadêmico, cuja produção, embora coincidente em termos de gênero com os outros dois nomes, seja de difícil atribuição ao mesmo autor, em virtude da data de nascimento e morte encontradas na pesquisa. Específica, pois, é a questão da autoria, em relação ao Padre. O nome remonta ao século XVI, pois consta ter nascido em Vidigueira, a 25 de junho de 1631 e morrido nas Torres Vedras, a 20 de outubro de 1682, embora o mesmo nome figure, curiosamente, entre os acadêmicos Esquecidos da Bahia, Academia do ano de 1724, marcando, portanto, uma distância de quase um século entre o seu nascimento e a mencionada participação. Para agravar ainda mais as especificidades, apresentamos o documento datado de 1699, dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), cujo conteúdo está aqui transcrito:

Forão uistos na meza do S^{to}. Off^o. desta Inq^{ção}. de Coimbra em os 14 dias do mês de **Feuereiro de 1699**. annos esses autos, culpas, e Confissões do Padre Antonio da Fonseca Sacerdote, Confessor, e Pregador natural da Villa de Amarante Arcebispado de Braga, e morador na Villa de Midões Bispado de Coimbra. Reo prezo no Carcere da Custodia, nelles conteudo, e as censuras dos Callificadores, q por mandado do Conselho geral derão as culpas, q hauia da proua da Justiça, e Confissões do Reo, os exames, q lhe forão feitos, e as respostas, que â elles deu. E appareceo â todos os vottos, q da proua da Justiça constaua prim^o, q elle foy notoriamente lasciuo com a sua Confessada Archangela do Sacramento dando

lhe amplexos, e osculos, metendo hum a outro as mãos nos peitos, lançando agoa na boca da sua na da mesma; despindoa, e deitandose com ella na cama, mediando a roupa; e dando osculos e amplexos, e metendo a mão no peito de alguãs recolhidas, â quem elle como padre espetiual governaua, e fazendolhes meneyos torpes com q ellas tuerão escrupulo, de q depoem D. Agueda de Santa Thereza, D. Engracia Maria, Catherina de São...

Este fragmento de documento vem a aumentar o entrelaçamento das informações, uma vez que está datado de 1699, e se localiza no espaço intermediário das duas situações postas. A primeira, perfeitamente plausível, que contempla a possibilidade de o Padre ter-se dedicado à vida monástica posteriormente à vida militar. A segunda, improvável, indica uma decisão em processo inquisitorial por molestar suas confessadas, quando contava o réu aproximadamente 68 anos, o que pode sugerir uma decisão tardia do Tribunal do Santo Offício, ou que se trata de um senhor de comportamento bastante inadequado para a sua idade. Este documento, de 1699 parece apresentar uma decisão pouco conciliável com a primeira versão de um Fonseca. Entretanto, pode vir a franquear a existência de um segundo Fonseca, cuja participação nas conferências iniciais da Academia dos Esquecidos, tornar-se-ia mais plausível do que a de um acadêmico que, segundo a primeira possibilidade, contaria a idade avançada de aproximadamente 93 anos.

Desta maneira, entende-se que os documentos apontam, realmente, para a existência de dois escritores com um mesmo nome, o que dá uma nova luz e, ao mesmo tempo, cria uma nova problemática no estudo das composições. A luz vem por conta da análise em separado, tratando cada qual segundo o seu tempo e suas características. A nova problemática passa, portanto, a ser a composição de uma biobibliografia para este novo sujeito, cuja vida não seria, no caso, menos polêmica do que a do seu homônimo: um mesmo Antônio da Fonseca, poeta, padre, escritor de romances, apresentando problemas de lascívia perante a inquisição. A resposta, talvez, possa vir dos textos.

Trilhando pelo caminho da tentativa de estabelecer uma trajetória lógica para determinar a existência de um ou dois Antônio da Fonseca Soares, apresentamos, dois caminhos. O primeiro deles, o rastreamento das fontes disponíveis nos documentos 392 e 1486 da Sala de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra,

permitiu o confronto dos conteúdos que pudessem auxiliar no esclarecimento da existência do autor estudado. Vimos, todavia, que dois fatores não colaboraram efetivamente para o sucesso da pesquisa: a condição fragmentária do documento de acusação do padre, segundo a qual providências foram tomadas no sentido de puni-lo pelos seus atos; a condição de apógrafos que se pode atribuir aos poemas de Fonseca, pois consta que não há escritos de próprio punho, uma vez que os documentos são intitulados *Romances portuguezes de Antonio d’Affonseca, que depois se chamou Fr. Antonio das Chagas*, cujo tom de terceira pessoa torna maior a possibilidade de se tratar de uma cópia.

O segundo, comparação dos escritos atribuídos ao nome Antônio da Fonseca Soares, em linhas gerais, não nos oferece perspectivas mais animadoras. Os poemas encontrados, dos quais escolhemos três para ilustração, são composições muito comuns dentro do universo lusitano da poesia dos séculos XVII e XVIII. As poéticas e as retóricas imitadas, reproduzidas e interpretadas desde os antigos eram documentos de larga circulação e com caráter fortemente prescritivo. Estavam na cartilha dos escritores a necessidade de domínio da escolha das formas poemáticas e o uso adequado – decoroso -, segundo as normas de composição. A composição de poemas mais formais em língua latina, dos sonetos em língua espanhola, dos romances para assuntos mundanos, a flexibilidade da linguagem do tom formal para o informal, de acordo com as formas adotadas para composição, não constituem nenhum diferencial capaz de ajudar efetivamente na “identificação do corpo”. Este domínio da escolha das formas poemáticas, de uma linguagem mais ou menos formal e mesmo da língua latina, não são, pois, suficientes para resolver a questão da autoria que se coloca em torno do nome do Frei Antônio das Chagas. Duas são as razões: primeiramente, dentre as composições produzidas na Academia dos Esquecidos, não figura, em momento algum, menção a este pseudônimo adotado pelo autor; em segundo lugar – e ao que nos parece, a questão crucial, Fonseca estaria, entre os Esquecidos, com a idade de 93 anos e, ao que tudo indica, com registro de sua morte entre alguns estudiosos por volta da década de 1680.

Dada, todavia, esta informação decisiva, como explicamos o documento datado de 1699, que diz respeito às suas atitudes lascí-

vas? Ao que tudo indica, há dois Antônio da Fonseca Soares. Um primeiro, famoso por sua dúbia ação padre/poeta erótico, o qual se consagrou por dois momentos distintos de sua vida, o militar e o eclesiástico, ao lado de um segundo, não menos famoso, a ponto de poder figurar entre os acadêmicos da Academia Brasílica dos Esquecidos como autor de poemas de razoável qualidade e cumpridor dos modelos prescritos para a participação no grêmio. Esta constitui, entretanto, etapa a ser vencida, com a varredura de todos os demais manuscritos relativos ao autor, procedendo-se minucioso exame estilístico (e não de preferência formal) e paleográfico, capazes de projetar mais luzes sobre tão controversa bibliografia.

REFERÊNCIAS

ALFENA, G. *O santinho do pau oco*. 2005. 1 v. Dissertação de Mestrado em Letras (Área de concentração: Filologia e Linguística Portuguesa. Faculdade de ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2005.

BELCHIOR, M. de L. *Os Homens e os Livros* (Séculos XVI e XVII) Lisboa: Verbo, 1971. Disponível em <http://books.google.com>. Acesso em 27/10/2006.

HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Edunicamp, 2004.

SOARES, A. da F. *Manuscrito 1486*. Sala de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

———. *Manuscrito 392*. Sala de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Anexos

Romance 11

Amor por esta vos juro,
E por outras tantas mil,
Q' eu saiba zombar de uos
Como uos zombais de mim

Com repetidos enganos
Me troxestes athe aqui
Prezo nas duras mas morras
De vosso embuste sutil

Como bizonho as bandeiras
De vossas bandeiras segui
E o pago que vim a ter
He este estado a q' vim

Depois de soldado velho
Quando apozentarme quis
Os premios que em vos achei
Agravos são que sentir

Muito me enganej com uosco,
Mas que ereis Rey aduerti
Onde andava ao agradecer
Nas espaldas do servir

Vos sois Rey! Ca para tras
Vos sois Deos por sonhos sim
Que os Reys numqua são ingrattos
Nem Deos custuma mentir

Desse nome de Monarca
Bem uos podeis despedir,
Não vos tenhais por real
Q' não valeis hum Ceytil

Real embusteiro sois,
Hum traydor de almas uil
Estafeta das desgraças,
Das mas novas bolatim.

Filho de Marte e de Venus
Vossa prozapia aplaudis,
Muy prezadinho de ter
Pay guerreiro may gentil

Vede quem Venus foi,
E quem foi Marte, adverti
Ella huma puta safada
Elle hum pobre espadachim

Entre huns cornos vos gerarão
E quando mais prezumis
Tendes por principio hum corno
De uossa fama hum clarim

Tão envergonhado estou
Depois que os olhos abri,
Que antes ser çego tomara
De que tanta injuria uir

Oh q^m numca si puzera
Vossa tirana ceruis
Não por ser livre, por ser
Mais aduertido isto sim

Mas hayão meos olhos propios
Portais donde meti
Das portas adentro dalma
Meu veneno, e vosso ardil

Mal haja meu sentimento,
Pois com tão pouco deslis
A uosso imperiopostrado
Tantas vezes me rendi

Desculpa teve meu erro
Gozando sorte infelis
Hum so crauo em dois beijinhos
Em duas faças dois jasmins.

Desculpa tiue he verdade
Em dois olhos, que o Zafir
Desse globo em astros vence
Em seo mais alto Zenith

Desculpa tive em duas maos
Pois dellas pude advertir
Q' formara a natureza
Dois brinquinhos de marfim

Em dois pes tao pequeninos,
Que a se poderem unir
Naõ podera hum so formar
Os de outra Dama gentil

Em duas graças que foraõ
De meu gosto perrexil
Que me souberaõ prender
Bem como a uontade abrir.

Mas uos rapaz insolente
Sendo da feição gentil
De meu negocio zombais
Como o vosso conseguis

Tudo isto são travessuras
De vossa idade pueril
Q' inda que Rapas nos pintem
Já sabeis mui bem latim

São maldades de hum traydor,
Amboçoes de hum lascarim,
Offenças de hum desleal
Tiranias de hum caçis

Cuidais que as almas prendeis,
Mas athe nisto mentis
Q' a beleza he o alcaide,
E uos o seu belegim

Pois uos conheço embusteiro
Bem uos podeis despedir,
Q' possão uossos afagos,
Mais que os golpes q' sinto

Não quero nada comvosco
Que como vilão Ruim
Vosso interesse buscais
E em o acaçando fugis.

Andaj menino Nestor,
Anday eterno mal cim,
Que nas partes que ostentais
Bem mostrais a q^m sahir;

Buscay por la quem creja
Q' hum filho da puta vil
Não pode ter boas manhas,
Nem quem o segu bom fim.

Romance 54

Minha santinha este instante
Me chegaram novas vossas
Sem ser isso dita minha
Me pareceu coisa nova

Ventura grande parece
Mas eu não me admiro agora
Pois que tenho em vossa graça
A ventura por devota

Sabe o Céu com quantas ânsias
Nos ermos da minha alcoba
De não guardar essas regras
Fez penitência a memória

Mas hoje q' hei de ir a ver-vos
Anda a minha alma tão douda
Que com ser toda cartuxa
Se vai saindo das conchas

É tal gosto que tenho
Que credes que nesta ora
Nas voltas do touro temo
Dar-me o miolo uma volta

Mas se são de caridade
As obras tão meritórias
Minha flor por que comigo
Não quereis ser caridosa

Sou no amar-vos um santinho
E vós muito folgazona
Lá na vossa zombaria
Jogais comigo a choca

Quereis por matar-me ingrata
Ser-me cristã quando fora
Melhar dar-me a vida amante
Que matar-me rigorosa

Não vedes q' o q' vos quero
Que a Deus todas as horas
Peço que na vossa graça
Me conserve a vida toda

Para que sois malfazeja
Se Deus manda que as pessoas
Façam bem o que Deus manda
E se amem como a si próprias.

Vede as lástimas e carícias
Com que sempre maviosas
As meninas dos meus olhos
Vos pedem misericórdias.

Olhai para o pobrezinho
Do meu coração que agora
Das migalhas dessa neve
Vos pede humilde uma esmola.

Vede qual estou minh'alma
Não queria que hoje corra
Este mal por meus extremos
E esta cruz por vossa conta.

Não mais na morada viva
Me tragais por ser a força
Que rolando a confiança
Não vos ande muito à Roda.

A colher Flores ao Prado
Sahis Antonia e Francisça
Huma mais gentil q, estrela
Outra mais que o Sol, bonita

Romance 100

Era tempo em que os seus rayos
Febo no coazo escomdia
Q hera força enuergonharsse
De tantas luzes a uista

O crepusculo da noite
Que he tempo em que a lus declina
Daua com duas auroras
Anunção do melhor dia.

As galas da primavera
Uendo tanta galhardia
Uindo porselhe nas maos
Mostrão bem que estão rendidas

A lus qdo em tais maos se poem
Constante o mundo publica
Q para mayor triumpho
Quizerao ficar uencidas

Pois sobre o ca belo nuvens
Daquelles dois ceos sabidos
De tanta lus animada
Cada flor estrella brilha

Cada qual do antigo ser
Uendosse desconhecida
Respira aromas flugentes
Fragrantes rayos uibra

Emfim, que emtanto esplendor
Absorto o mondo confirma
Ou que o Ceo bayxaua ao prado
Ou que no prado ao ceo subia

A uiua as flores com tanta
De sua planta natuia
Se acha q a uida lhe cortão
Rara lhe dar melhor uida

Q nor morrão por estes dois
Sem hyperbole se affirma
Q com essa por fineza
E acaba por mercancia

Deyxay finalmente o campo
Adonde chorando fica
Sentida a dor q ficaua
Com inueja da que sahia

Fileno q acompanhadas
Em seu pezar não se liura
Porque não he uil a inueja
Se nasce he couza altuia.

Ao assunto lírico: Qual amou mais? Clície ao Sol ou Endimião à Lua? – v.1, t.1, p.198 et ss. Romance

Sem mais armas q um Romance
sai a campo meu juízo,
que em certames amorosos
outras armas é delírio.

É verdade, que das Silvas
um Adonis sai ferido,
mas se deste aqui não trato
silvá-lo fôra delito.

A canção era mais própria
deste amoroso litígio
se não temera ficasse
de cansada no caminho.

As Décimas seus conceitos
aqui vinham dando ao dízimo,
mas amor quando se paga
não se paga de juízos.

As Glosas também confesso,
que se tecem de ouro fino,
mas amante que presume
não quer estar por um fio.

O Soneto sim pudera
acudir ao desafio
que é Príncipe de La Sangre,
e tem aqui seu domínio.

Mas amor que na sangria
quer evitar prejuízos
teme ao picar uma veia
no catorzeno o perigo.

O Romance pois, Senhores,
são as armas com que fico
que de todas para o assunto
são as de maior capricho.

Se as não souber menear,
não me estranheis ser túbio,
que o discípulo com o Mestre
ficar temblando é preciso.

Entramos no assunto agora,
E como esta entrada sinto!
Porque casa com dos puertas
Sempre teve ruim hospício

O Assunto em dois discursos
pergunta qual é mais fino,
se Endimião amando a lua
se Clície querendo a Cíntio.

Confesso que me arrependo
de me haver metido nisto,
porque sei que amantes foram,
e não sei qual o rendido.

Mas suposto assim o manda
o Secretário entendido,
eu lhes irei perguntando;
do que ouvir farei aviso.

Venha já Senhora Clície,
e vos digo que motivo
a obrigou a ser amante
deste Planeta Luzido.

Acaso vos prometeu
dar-vos ele algum vestido
das telas com que trajava
as Estrelas em seu giro.

Ou daria por ventura
a palavra de marido,
que Damas para casarem
de palavras fazem brincos.

Não pode ser, porque quando
de casar tivesse arbítrio,
esposa tinha em Leucotoe,
pois era Mãe dos seus filhos.

É verdade que podeis
alegar neste juízo,
que de Apolo não sabias
vos era traidor amigo.

Livrementes vos concedo,
a razão que tendes nisto,
que entre amantes também há
amantes adúlterinos.

Mas se vós quando alcançastes
Que vos fora fermentido,
o deixaras Leucotoe,
como a fonte deixa o rio.

Nunca amor em vós fizera
os efeitos de menino,
entregando vosso peito
ao chumbado dos seus tiros.

Tal foi o zeloso fogo,
que tomaste por capricho
a execução de um agravo,
feita de Dama a um Corisco.

Que culpa teve Leucotoe,
de a querer o Louro Cíntio
se foi culpa da amada,
também o fo ter nascido.

Pois se o Sol assim concorre
a dar à Beleza mimo,
íngrata fora Leucotoe,
se lhe negara o carinho.

Mas em tudo andaste cega,
porque dando ao Rei aviso,
foste verdugo da vida
tomando da Parca o ofício.

Ora entendo que a resposta,
que me dais a tudo isto,
é que obrastes como néscia,
que as formosas pecam nisto.

E que nunca lá chegaras
aos extremos que vos digo,
se de Febo receberas
um desdém mais compassivo.

Mas que nos mesmos extremos
vosso amor foi muito [ativo]
porque amar a quem me agrava
atributo é só divino.

E que tendo em seus desprezos
as esperanças de perdido,
amá-lo sem esperanças
inda for mor desatino.

Esta parte finalmente,
as razões temos ouvido,
que um amor desesperado
nela foi mais excessivo.

Agora com Endimião
falarei mais comedido,
que falar com aludos,
corre um homem muito risco.

Porém quando me suceda
em tal caso prejuízo,
do discreto Secretário,
ah! qu' (sic) del Rei, darei gritos.

Ora diga meu Senhor,
Endimião o mais bonito
caçador daquele tempo,
que no mato andava aos bichos.

Vós caçastes a Diana,
ou Diana vos fez tiro,
porque anda em opiniões,
qual dos dois foi o Cupido.

Alguns querem que essa Deusa
vos buscava já dormindo,
mas outros que vós a ela
a acordava com gemidos.

Se vós fostes o Berrante
é desastrado delírio,
perder-vos por uma Dama,
que as cores tem perdido.

Não lhe viste a palidez,
dando do gálico indícios,
que em Damas que saem de noite
corrimentos é capricho.

Mas se toda enamorada
de vosso peito fez nicho,
obrstes bem em rendê-la,
e em amá-la inadvertido.

Se me dizeis que com ela
entraís a foro, e partido,
louco sois pois e ignorais
a carga que tomais nisso.

Uma meia de pisão
vos há de calçar o cio,
e cobrir-vos-á a cabeça
um barrete de dois bicos.

Quando saíres à caça
se a encontrares no sítio,
tomo nela façais presa
julgando ser um cabrito.

Mas se nada disto basta
para um airoso retiro,
respondei, que o Secretário
já me pede a razão disto.

Inquire que amor é o vosso,
se é verdadeiro, ou fingido,
se sois casado ou solteiro,
assunto ao fim de Ministro.

Se dizeis que vosso amor
é dos Gigantes primo,
eu dissera que um Pigmeu
não se há de ver mais mofino.

Direis mais que amando a Lua
é vosso amor peregrino,
pois de amar uma inconstância
ficaste sempre dormindo.

E que expores vossa fé
ao varejo de um delírio,
foi mostrar que só amava
quem amava o precipício.

Que na escolha de dois males
parece mais admissivo,
a perda das esperanças,
que a falta de todo o siso.

Ao Passado Presidente
concluso vai este escrito,
com a justiça que costuma
julgará deste litígio;

Se do selo carecer
dois estão neste partido,
valha sem selo ex causa
na chancelaria. Brito.